

AINDA HAVIA CARAMBOLOS NOS MUROS

ADRIANO LOBÃO ARAGÃO



Desenredos



AINDA HAVIA CARAMBOLOS NOS MUROS

ADRIANO LOBÃO ARAGÃO

itinerário

ainda havia carambolos nos muros 4
o muro além do jardim demarcava 5
sei que guardo em mim o teu gesto 6
pedro 7
krig-ha bandolo 8
rua arlindo nogueira 9
banca de revista da ponte do mafuá 10
escravos do samba 11
cobogó 12
assar castanha 13
linha de mão 15
sombra de bois 17
cachoeira pirapora 18
praia peito de moça 19
rua sem saída 20
rua sem denominação III 21
terceira travessa da rua três 23
outro enlaces 24
os antigos 25

ainda havia carambolos nos muros

ainda havia carambolos nos muros
e restos de morcegos enterrados no jardim

também aranhas em chamas espalhando suas mortes pelo quintal
entre lagartas-de-fogo derrubadas do pé de goiaba
abrigo de cascudos joaninhas e ânsias de menino

enquanto urubus disputavam carniça na calçada
e gangujis entravam em casa pelo ralo do banheiro
o único medo figurava no voo de um cavalo do cão

lesmas soterradas no sal da cozinha

[pareciam vingar-se no pelo dos potós
teiús e camaleões topavam com brincadeiras na quinta das irmãs
alguém abria um casulo que diziam apontar a bahia
e outros enigmas evocados pelo sabor da larva

[incrustada no babaçu

o muro além do jardim demarcava

o muro além do jardim demarcava
o limite de dois mundos condenados ao desencanto

no princípio havia a ampla planície circunscrita
à intempérie de fogo água e insetos
entre areia e massa de modelar
arcaicas figuras de guerras e seres extintos

também havia a tecnologia letal à formiga e playmobil
de queimar plástico na ponta do cabo de vassoura
e o zumbido de um pingo de fogo
atraía mais que sua chama e sua queda
entre cidades de caixas de fósforo
que levavam dias para serem erguidas
ao largo da gigantesca floresta de capim e jarros
labirinto do acaso que teimava seu fim
ao pé da muralha de pedra e calçada
de onde paraquedistas de seixo saltavam
amarrados a sacos plásticos em linha de mão
que insistiam em cair naquele outro mundo
incompreensível e desinteressante em sua limitada vastidão

sei que guardo em mim o teu gesto

sei que guardo em mim o teu gesto
essencial de fazer-me existir
porque conheci teu amor
antes de habitar este mundo

porque recebi em teu enlace
o desenrolar dos primeiros dias
o delicado calor de teu alento
revelado no olhar e no sorrir

e até na tua ausência
encontro tua leveza
no perfume de pétalas
levadas pelo vento

pedro

encontro teu nome no vento de agosto
parado entre as pedras da entrada
desta casa erguida entre tuas mãos
na ausência sem gestos de adeus

krig-ha bandolo

guardávamos o som e os signos de raul em fitas cassete
que conservavam seu inevitável chiado
e os estalos de peixe frito nas trilhas dos discos

ouvíamos raul pela sombra da tarde
de uma árvore onde biolinha derramava
entre folhas e amêndoas os acordes do seu violão

ouvíamos raul pela noite iluminada de um terraço
onde atentos guardávamos o som e os signos
incrustados na chave tatuada na palma da mão

rua arlindo nogueira

(com alameda parnaíba)

as chuvas que desabavam do céu fechado
transbordavam os esgotos a céu aberto
e despertando algum instinto em nós meninos
enchíamos estes espaços de algazarra
aspirantes a micróbios de lama e chuva
infestando além da esquina todas as ruas

não somente os limites das nossas calçadas
abandonávamos a torrente das bicas
que escoavam dos telhados das casas vizinhas
e buscávamos o spray lançado dos carros
que cruzavam a inundada rua de cima
que rápido se tornara pátio de risos
feito rio transportado pela rua balsas

banca de revista da ponte do mafuá

ainda permanece
não se sabe até quando
o que restou da banca de revista
da ponte do mafuá

feito monumento
do que gradualmente
é abandonado pelo tempo
permanece entregue ao relento
entregue à lembrança de meninos antigos

do ciclo contínuo da turma da mônica
à espada selvagem de conan
superaventuras marvel 17
e heróis da tv 58
tudo encontrava abrigo
entre páginas e quadrinhos
entre mãos ávidas e olhos atentos
e todos os universos fixados
eternamente em tinta e papel

escravos do samba

caminharam por estas esquinas
entre a vila operária e o mafuá
a cachaça e a irreverência que embalavam
as mãos de pandeiro de antigos sambistas
e a euforia dos entusiastas da folia

manoelzinho campelo
zeca couro velho
joão cacundim
e tantos outros que destilavam
em fantasia a alegria popular
nos breves dias de fevereiro

por estas esquinas passaram
o império do samba
os escravos do samba
e todos os súditos
que desfilam eternamente
no labirinto do tempo

cobogó

a tarde que na brisa se arrasta
toca suave a poeira dos dias
adormecidos na parede escura

mas não areja as arestas da casa
entranhada entre cimento e tijolo
tendo como adorno malfeito reboco

nesta estreita lacuna que abriga
seus ninhos de aranha e pasto de bribas
breve espaço onde o tempo se enlaça
ao silêncio de uma sala vazia

assar castanha

1

requer engenho a arte de assar castanha
exige cuidado ao examiná-las
e estar atento ao deixá-las ao sol
se alguma castanha verde engana

o mesmo olhar que agora procura
uma lata de leite em pó vazia
e depois abri-la e furá-la a faca
tornar plana toda sua curvatura

encontrar três pedaços de tijolo
para apoiar a lata deslatada
e usar graveto e papel feito lenha
para só então receber o fogo

encontrar ainda um cabo de madeira
para mexer e virar as castanhas
além de derrubá-las ao final
e apagar fogo e castanha na areia

2

abrir as castanhas com pedra ou tijolo
e constatar entre os dedos sujos
o quanto eram poucas

e compensar a falta com farinha
e pilar tudo num pilão imundo
onde cada um receberá seu punhado

adoçar com cuidado e sem cuspir
resquícios de carvão tijolo e areia
pois leva arte o engenho de assar castanha

linha de mão

as iscas se preparam entre as unhas
que escavam a terra úmida
em busca de minhocas

amarram-se a cada linha de nylon
três anzóis a serem lançados à correnteza
com o zelo necessário ao movimento
para não pescar os que estejam ao lado
ou a si mesmo ser iscado

lançadas as linhas amarrar algumas em estaca
ou graveto enfiado na margem deste chão
e com a mão atenta ao devaneio da espera
perceber a cadência da passagem das águas
e a diferença entre o peixe mordiscando a isca
e o instante de fisgá-lo
num ímpeto firme e repentino

e retirar o peixe da água
antes das piranhas fazerem dele seu pasto
deixando-lhe somente a cabeça aprisionada ao anzol

e sendo o peixe mande saber o jeito de tocá-lo
a salvo de seus esporões
porque o tempo espera a exatidão do agir

sombra de bois

abriga o gado a sombra dispersa
dos galhos emaranhados dos cajueiros
diante de um mundo cercado de arame farpado
demarcando poeira e barro
que emergem por toda estrada

abriga o gado um gavião em suas costas
no silêncio da tarde devora
parasitas encontrados pelo couro
em meio aos diferentes tons de sua pelagem
e entre as folhas secas que recobrem o chão
buscam os bois o que restou de seu pasto
entregues à aridez de existir nestes outubros

cachoeira pirapora

após os meses de estio
correm as águas transformando
o que restou do silêncio
em leito transbordante
entre pedras escuras

desliza seu caminho
seu conseqüente salto
anunciado pelo canto
líquido de seus passos

e o que há de reflexo
desenhado em sua face
corta em luz e lâmina
para que permaneça
em testemunho do que segue
pela vereda da mata
levando tudo que se lance
no tempo de sua queda
e torne a se lançar
após os meses de estio
à espera da próxima estação

praia peito de moça

longe das estações
de férias e banhistas
a calma destas praias
são aparências escondidas

onde tudo se assemelha
à beleza feminina
onda em eterna expansão
úmida areia cristalina

onde a brisa afaga a tarde calma
e teu enleio de corpo ardente
em repouso ofegante se espalha
numa serenidade aparente

rua sem saída

uma rua sem saída
aguça ânsia de se encontrar
um caminho para cultivar raízes
não olhar para trás
nem seguir adiante
fazer-se errante
sem almejar lugar algum

uma rua sem saída
nos diz da metáfora da vida
atravessa a inércia e a apatia
longe do tráfego dos transeuntes
silenciosa como uma casa vazia

uma rua sem saída
enseja qualquer destino que se estenda
para além destas esquinas
destas calçadas demarcadas de abandono
destas placas que nos indicam
o que há de inevitável em nossos passos

rua sem denominação III

rua da estrela avenida circular
rua uruçuí rua balsas rua guaporés

distante dos nomes que outrora evocavam
usos costumes metáforas e tradições
quando poucos muros davam testemunho
às inúmeras ruas que tiveram seus nomes
esquecidos na poeira das homenagens
mudam-se tempos e vontades

rua desembargador freitas avenida miguel rosa
quintino bocaiúva arlindo nogueira francisco mendes

e distante do tempo e espaço destas vias
uma cidade se desdobra em seus limites
para que entre passos calçadas esgotos
e placas demarcando logradouros
encontrarmos o nome do silêncio
entrelaçado no alto desta esquina

tão anônima quanto os que transitam
sob a ausência de nomes nas poucas ruas
que ainda não incorporaram alheios sobrenomes
aos que aqui habitam o espaço
[em que plantaram suas vidas

terceira travessa da rua três

desconheço os que atravessam
a terceira travessa da rua três
jamais saberei de seus anseios
suas pequenas tragédias íntimas
ou o nome que dão às dores
e desejos que arrastam pelas esquinas

apenas sigo em silêncio
entre meio-dia e meia-noite
e se por um instante paro
e me perco em breve devaneio
é apenas pelo inusitado alento
da aliteração que nomeia esta via
ou a certeza da repetição dos dias

outros enlaces

entre antigas mensagens uma lembrança divaga
feito bilhete perdido no oceano de uma garrafa
refeita recolhida restaurada em silêncio e saudade
sob uma pátina virtual revolvida em linguagem
como se tempo e memória coubessem nas mãos
em aparelhos que se aliam aos limites de ser e estar
e desafiam a distância de uma tela aberta ao toque
no breve instante em que separa os olhos e os gestos
das tênues e novas amizades enlaçadas em rede

os antigos

os que habitavam os dias de ontem
outrora jogavam dominó
sob a sombra de árvores
que deixaram de existir

abancados no terreiro de muro baixo
elevavam suas vozes entre risos
ao tempo em que distribuíam
as derradeiras pedras do jogo

falavam dos antigos
seus usos e costumes
suas mãos enrugadas
o cigarro enrolado
no papel de enrolar pão

falavam os antigos dos antigos
onde existiram
onde foram enterrados
onde haveriam de quedar
entre as inevitáveis certezas
que habitavam os dias de ontem

Adriano Lobão Aragão nasceu em Teresina, Piauí, em 1977. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Professor de língua portuguesa do Instituto Federal do Piauí. Em 1998, através do Concurso Novos Autores, recebeu o Prêmio Cidade de Teresina pelo livro *Uns Poemas*, publicado no ano seguinte pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Em 2005, publicou *Entrega a Própria Lança na Rude Batalha em que Morra*. Seu livro *Yone de Safo* foi agraciado em 2006 com o prêmio Torquato Neto, instituído pela Fundação Cultural do Piauí. Publicou ainda *As Cinzas as Palavras* (2009) e, em 2012, lançou seu primeiro romance, *Os Intrépidos Andarilhos e Outras Margens*. Sua poesia reunida, *Os Tempos e a Forma*, foi publicada em 2017 e reeditada em 2019, incluindo os livros *Entre áridos anseios dispersos* e *Ainda Havia Carombos nos Muros*. Editou, também em 2019, o livro *Destinerário*, que apresenta fotografias e poemas sobre diversas cidades do Piauí, Ceará e outros estados. Atualmente, é um dos editores da revista eletrônica *Desenredos*.

Ainda havia carambolos nos muros
© 2020, Adriano Lobão de Aragão
Todos os direitos reservados

editores | Adriano Lobão Aragão
 | Assunção Almondes Leal
projeto gráfico | Adriano Lobão Aragão
revisão | Assunção Almondes Leal
 | Laís Romero
ilustração da capa | Zorbba Igreja

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

Aragão, Adriano Lobão.
A659a Ainda havia carambolos nos muros [livro eletrônico] / Adriano Lobão
Aragão. – Teresina: Edição do Autor, 2020.

ISBN 978-65-990295-8-5

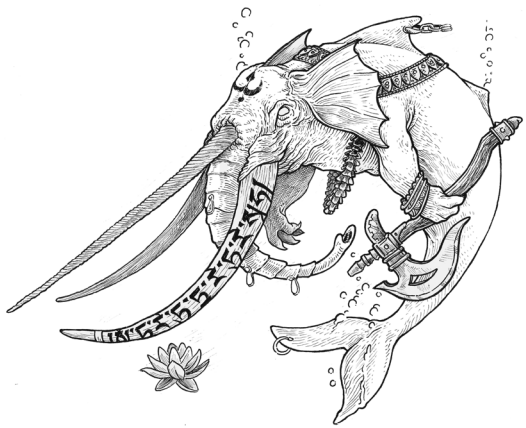
1. Literatura Brasileira – Poesias 2. Literatura Piauiense – Poesias I. Título

CDD – B869.1

www.desenredos.com.br
site | www.adrianolobao.com.br
blog | adrianolobao.blogspot.com
e-mail | lobaoaragao@gmail.com



Esta obra foi composta em fonte Perpetua 14,
em junho de 2020, Teresina, PI.



ISBN 978-659902958-5



9

786599

029585